

Vigilância estética e controle social: o design de moda e a (in)visibilidade de corpos trans no Brasil

José Augusto Alves Frazão, Maria Alice Nascimento Santos, Marizilda dos Santos Menezes

design de moda, vigilância estética, corpos trans, (in)visibilidade de gênero

Esta pesquisa analisa como o design de moda está inserido na formação de regimes de (in)visibilidade de corpos trans na sociedade brasileira atual, observando construções sociais acerca do corpo, gênero e poder, analisando a conexão entre política da aparência, vigilância estética e controle social. Além de elucidar sobre quais formas as normas visuais de identidades de gênero criam mecanismos de controle sobre corpos trans, ao passo que práticas estéticas de performances de gênero podem funcionar como estratégias de resistência ou criar mecanismos de controle sobre corpos trans.

1 Introdução

A moda é um campo de produção cultural que vai além da estética das roupas e contribui diretamente para a construção social do corpo e da identidade. Ao estruturar visualmente a aparência das pessoas, o design de moda contribui para a criação de códigos simbólicos que influenciam a maneira como os corpos são vistos e identificados no contexto social. Desta forma, o ato de se vestir pode ser entendido como uma prática cultural que integra linguagem, identidade e relações de poder, transformando-se em um dos principais meios pelos quais normas sociais de gênero são transmitidas e reproduzidas.

A aparência física desempenha um papel fundamental na construção da compreensão social do gênero. Nesse sentido, o gênero não é uma essência natural do sujeito, mas sim o resultado de processos performativos que se solidificam por meio da reprodução de práticas sociais e culturais. Dentre essas práticas, o vestuário tem um papel importante, pois auxilia a estabilizar as expectativas sociais em relação à masculinidade e feminilidade.

Esses processos de construção da aparência não são neutros. A disposição visual dos corpos é fortemente influenciada por normas sociais que determinam quais identidades são vistas como legítimas ou compreensíveis em uma determinada ordem cultural. Sendo assim, corpos que desafiam essas normas passam por violações, controle ou invisibilidade social.

Para as pessoas trans, a legibilidade do gênero se torna um elemento principal na disputa por reconhecimento social. Neste contexto, a moda, à estética e a performance corporal implica no que é direito dessas pessoas em contexto social. Portanto, a vivência de indivíduos trans estão intimamente ligadas a sistemas de reconhecimento e compreensão social de gênero,

enquanto certos corpos são aceitos e outros permanecem à margem da sociedade em relação ao que é considerado um padrão estético normativo.

Nesse cenário, é importante entender como o design de moda contribui para a formação dos regimes de visibilidade de gênero na sociedade atual. Esses regimes são entendidos como sistemas culturais que determinam quais corpos são considerados legítimos dentro das normas sociais, ao passo que geram processos de invisibilidade ou marginalização de identidades dissidentes.

No Brasil, essa discussão se torna especificamente significativa ao observar artísticas, estilistas e sujeitos que usam a estética como meio de contestação das normas de gênero. Por isso, nomes como Liniker, Linn da Quebrada e Isa Silva são relevantes ao evidenciar como a moda pode ser meio de expressão identitária e (re)produção de (in)visibilidade para corpos trans.

Neste contexto, esta pesquisa propõe examinar como o design de moda contribui para os processos de (in)visibilidade, vigilância e controle social dos corpos trans. Baseado em uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e caráter teórico analítico, com revisão bibliográfica situada no âmbito do design, cultura material e estudos de gênero, o objetivo é entender de que maneira os padrões estéticos e os códigos visuais da moda colaboram para a perpetuação de normas de gênero e sexualidade socialmente aceitas. Abordando a conexão entre moda, vigilância e controle social, evidenciando a função do design de moda não apenas como criador de artefatos, mas também como participante ativo na formação de subjetividades e na estruturação das relações de poder que permeiam o dia a dia.

2 Moda, corpo e política da aparência

No âmbito do design, a forma de se vestir transcende funções utilitárias, funcionando como uma linguagem simbólica que pode expressar identidades, valores culturais e modos de pertencimento social por meio dos artefatos utilizados. A moda pode ser compreendida como um sistema cultural que organiza visualmente os corpos e contribui para a criação de significados sociais por meio da aparência. Assim, roupas, acessórios, estilos e estéticas constroem narrativas sociais sobre o corpo e os indivíduos que o habitam.

Na sociedade atual, as imagens vinculadas ao vestuário têm um papel fundamental na identidade de disseminação de padrões de corpo e dados. Bonadio (2012) aponta que a moda está interligada a processos culturais mais amplos que englobam mídia, publicidade e consumo, auxiliando na formação de representações sociais que direcionam a percepção coletiva em relação a certos corpos e estilos. Ao examinar a presença de modelos negras na

publicidade de moda no Brasil, a autora ilustra como a visibilidade da moda contribui para a construção de imaginários sociais e para a divulgação de padrões estéticos particulares.

Nesse contexto, o vestuário pode ser observado como um componente essencial na criação da legibilidade social. O corpo vestido se torna político, pois, é interpretado por meio de códigos culturais comuns que direcionam as interpretações de gênero, classe, raça e sexualidade. Por isso, a aparência não é apenas uma questão de escolha pessoal, mas também faz parte de grandes sistemas simbólicos que afetam como as pessoas são vistas e categorizadas no espaço social.

Castilho (2004) também aborda a moda enquanto comunicação, entendendo o ato de vestir como um sistema de linguagem capaz de gerar efeitos de sentido tanto sobre o corpo quanto sobre o indivíduo que se apresenta socialmente. A conexão entre corpo e vestuário forma um campo semiótico em que roupas, formas e elementos cumprem a função de transmitir valores e comunicar expressão de identidades.

A conexão entre moda e linguagem também permeia o campo do design à cultura visual. Castilho e Moura (2013) ressaltam que a moda e o design possuem dimensões projetuais e simbólicas que auxiliam na criação de linguagens visuais no cenário contemporâneo. A interligação entre esses campos possibilita entender a moda como um componente de um sistema cultural mais extenso de produção de sentidos, em que artefatos, imagens e práticas estéticas são importantes para a formação de identidades e representações sociais.

Observando o vestuário como um artefato do design e uma linguagem, percebe-se como a moda contribui para a criação de identidades sociais. O modo como o corpo é interpretado, influenciado pela maneira de se vestir, contribui para a construção da legibilidade social dos indivíduos, ou seja, a forma como corpos trans são lidos e identificados dentro de sistemas culturais específicos. Por isso, a moda atua como formadora de códigos estéticos e indicadores simbólicos que transmitem associações sociais, construções de identidade de gênero, sexualidade, classe e raça.

O simbolismo da aparência também está atrelado às convenções sociais que orientam a interpretação do corpo em espaços públicos e cria políticas de aparência. O design visual das roupas ou acessórios contribui para a formação de expectativas culturais sobre a maneira como as pessoas devem se apresentar socialmente. Em relação as identidades de gênero esses arquétipos são mais evidentes. A maneira como o corpo é apresentado esteticamente tem um papel importante na forma como o gênero é visto e entendido na sociedade, principalmente para pessoas trans. Neste contexto, a moda e seus elementos visíveis tornam-se indicadores que orientam a interpretação social da identidade de gênero.

Desta forma, a aparência física pode ser vista como um espaço de negociação simbólico onde identidade, reconhecimento e pertencimento social estão interligados. O corpo vestido

passa a ser um espaço de expressão da identidade, além de um ponto de observação e interpretação social, onde diferentes perspectivas analisam se um corpo atende ou não às normas culturais ligadas ao gênero.

3 Vigilância estética e controle social dos corpos trans

A aparência e interpretação do corpo é uma das principais formas de controle social nas sociedades atuais, uma vez que os meios de performances públicas dos indivíduos são continuamente monitorados e julgadas com base em normas culturais que estabelecem o que é visto como aceitável ou legítimo em relação a gênero e sexualidade (Foucault, 1987).

Para Foucault (1987) o que sustenta esses mecanismos de poder usados atualmente é a vigilância constante dos corpos, principalmente para pessoas transexuais, gerando formas de disciplina, comportamentos, formas estéticas específicas para se apresentar em público. O corpo enquanto espaço político usa e é usado como mecanismo para criar indivíduos socialmente (in)visíveis dentro das normas culturais predominantemente tradicionais.

A vigilância estética pode ser vista como uma ampliação desses mecanismos de poder, uma vez que a aparência corporal é constantemente interpretada com base em normas que estabelecem o que é considerado masculino ou feminino (Butler, 2003).

Nesse sentido, o gênero não é uma essência natural do corpo, pois emerge de processos performativos que se solidificam por meio da repetição constante de práticas sociais, incluindo gestos, comportamentos e estilos de vestir (Butler, 2003). Assim, a moda e os códigos estéticos são fundamentais na construção da compreensão de gênero, pois ajudam a consolidar visualmente as normas sociais relacionadas à masculinidade e feminilidade (Butler, 2003).

Ao passo que essas expectativas são confrontadas, os corpos podem ser submetidos a processos de vigilância mais rigorosos, visto que existe discrepância entre aparência e normas sociais, reproduzindo ações de estranhamento ou exclusão social, pois, ordem social da atualidade é estabelecida por sistemas de normativos que classificam sujeitos já preestabelecidos nos padrões da heteronormatividade de gênero e sexualidade (Miskolci, 2009).

Já para corpos transexuais, esse aspecto de normalização é muito mais evidente, pois a aparência física é submetida frequentemente diante de avaliações sociais (Bento, 2012), observando que os processos de normalização definem hierarquias sociais de quais identidades de gênero, sexualidade, classe e raça são aceitas ou devem ser invisibilizadas (Miskolci, 2009). A existência de pessoas trans está intimamente ligada às lutas pelo reconhecimento social de gênero, pois, historicamente, esses corpos são classificados como

fora das categorias dominantes de ordem social, considerados inteligíveis. Esses processos de exclusão reproduzem a inteligibilidade de gênero, enquanto corpos tradicionalmente aceitos e possuem seu pertencimento em sociedade, o de pessoas trans são interpretados como desviantes ou incoerentes (Bento, 2021).

Nesse contexto, a aparência se torna um fator essencial nas lutas por reconhecimento social, uma vez que a legibilidade de gênero geralmente depende de sinais visuais voltados aos códigos de vestuário, à estética corporal e a cultura binária de gênero masculino e feminino (Butler, 2003).

Desta forma, o design de moda desempenha um papel crucial para os regimes de (in)visibilidade, ao passo que contribui para a criação e repercussão de códigos estéticos que servem como guia para interpretação do corpo em sociedade (Castilho, 2004).

De acordo Miskolci e Pereira (2022) a dicotomia desses regimes persegue as pessoas transexuais, visto que, a visibilidade tem o poder de reconhecer socialmente uma identidade de gênero, mas pode também intensificar os mecanismos de vigilância e controle sobre o corpo.

Para Preciado (2018) o corpo é analisado como um território biopolítico, perpassado por tecnologias sociais que regulamentam identidades de gênero, sexualidades e a forma de existir. Essas normas de gênero agem através de mecanismos culturais diversos que influenciam a forma como corpos são vistos e controlados socialmente, incluindo práticas estéticas ligadas à aparência e a forma de se vestir.

Desta forma, a moda pode atuar ao mesmo tempo como forma de (in)visibilização e ferramenta para resistência ou controle, principalmente ao se tratar de pessoas trans. Por isso, compreender a vigilância estética direcionada aos corpos transexuais revela como o design de moda contribui para a criação de regimes de (in)invisibilidade de gênero, sexualidade, classe e raça, além de moldar a vivência dessas pessoas em sociedade.

4 (In)Visibilidade trans na moda brasileira atual

A presença de corpos transexuais na cultura atual não representa um processo simples de inclusão, ao contrário disso, é fruto de conflitos simbólicos que determinam quais identidades são socialmente reconhecidas e quais continuam sendo marginalizadas e até mesmo ignoradas. Desta forma, os regimes de visibilidade de gênero podem ser entendidos como estruturas culturais que regulam como certos corpos se tornam reconhecíveis no espaço social (Butler, 2003).

A visibilidade não deve ser entendida somente como presença ou ausência de representação, mas como um espaço político onde diferentes relações de poder definem quais identidades são consideradas legítimas. Butler (2003) destaca que os corpos só se tornam

inteligíveis quando se adequam às normas sociais que determinam o que é masculino ou feminino, o que significa que identidades dissidentes geralmente enfrentam processos de invisibilidade ou reconhecimento precário.

No Brasil, essas disputas se tornaram complexas ao considerar as vivências de pessoas trans e travestis, ao passo que essas existências muitas vezes desafiam as normas sociais de gênero. Bento (2012) ressalta que os corpos trans têm sido historicamente localizados fora das categorias tradicionais de gênero, sendo muitas vezes interpretados como incoerentes na estrutura social predominantemente.

Essa situação de deslocamento social gera o que Bento (2012) chama de regimes de reconhecimento precário, em que a visibilidade de pessoas trans acontece ao mesmo tempo como oportunidade de afirmação da identidade e como aumento dos mecanismos de vigilância social.

A moda está diretamente envolvida nessas lutas por reconhecimento, uma vez que as roupas e acessórios são um dos principais meios pelos quais o gênero se torna visualmente atraente. Castilho (2004) aponta que o corpo vestido atua como um sistema semiótico, capaz de transmitir identidades e status sociais por meio de signos estéticos.

Nesse contexto, o design de moda pode ser entendido como uma área que contribui para a criação de regimes de visibilidade de gênero, uma vez que ajuda a moldar as maneiras como os corpos são desenhados e interpretados socialmente. Ao criar roupas, estilos e narrativas visuais, o design contribui para a formação de visualidades que têm o potencial de tanto fortalecer quanto questionar as normas de gênero vigentes.

A interação entre vestuário, corpo e identidade de gênero vai além do aspecto simbólico da aparência, englobando também questões ligadas ao conforto, à ergonomia e à adaptação das roupas às vivências corporais de indivíduos trans, formando métricas para observar a invisibilidade de gênero em relação a moda atual brasileira.

Conforme Gomes e Menezes (2025) a confecção de roupas ainda é baseada principalmente no sistema de corpos cisgêneros, considerados o “correto” socialmente. Por esse motivo, as roupas por várias vezes não atendem às necessidades corporais de mulheres trans e travestis, resultando em experiências de desconforto físico e simbólico no dia a dia.

De acordo Gomes e Menezes (2025) diversas mulheres trans enfrentam desafios para encontrar roupas que ergonomicamente sejam adequadas para seus corpos e possibilitem a expressão de sua identidade de gênero de modo confortável e seguro. Principalmente a roupa íntima são fundamentais para construção da aparência de gênero, e atuam como instrumentos que ajudam na expressão visual da identidade no contexto social.

A grandiosidade do mundo da moda mostra que a roupa não é apenas um elemento estético, mas também um mecanismo que contribui diretamente para a construção da

inteligibilidade do gênero no dia a dia. Neste sentido, a moda brasileira atua como uma ferramenta que auxilia na afirmação da identidade, uma vez que possibilita que pessoas trans adequem sua aparência corporal às maneiras como interessados em serem socialmente reconhecidos.

Simultaneamente, as adaptações de peças para pessoas trans geralmente acontecem em um contexto de exclusão estrutural na indústria da moda. A falta de produtos elaborados para corpos trans demonstram a continuidade de uma lógica cisnormativa que ainda estrutura grande parte do sistema de produção da moda atual, demonstram Gomes e Menezes (2025).

Nesse contexto, as estratégias contínuas de adaptações e uso de roupas por pessoas trans são formas de resistência estética e sobrevivência social. Ao criar, ajustar, adaptar ou reinterpretar roupas, as pessoas trans criam formas diversificadas de visibilidade e lutam contra os padrões impostos pela indústria da moda.

Uma gama de artistas e criadores brasileiros usam a estética para desafiar as normas de gênero e evidenciam a dimensão política da moda. Um exemplo relevante é a artista Liniker, cuja atuação na música e na cultura visual brasileira ajudou a ampliar as oportunidades de representação de corpos trans e não binários.

Figura 1: Liniker (cantora)



Fonte: Billboard Brasil por Larissa Kreili.

A estética criada por Liniker combina elementos de moda, performance e música para criar uma visualidade que desafia as normas de gênero. Ao se afirmar com roupas, maquiagens e estilos que transitam entre diversos códigos de masculinidade e feminilidade, a artista cria uma forma de visibilidade que desafia as fronteiras do que é socialmente aceito para definir a apresentação do corpo no convívio social.

Um processo semelhante pode ser visto na carreira artística de Linn da Quebrada, cuja criação cultural combina música, performance e estética como meios de contestar as normas de gênero e sexualidade. O trabalho da artista destaca como o corpo trans pode se transformar em um espaço político de contestação simbólica, onde a visibilidade atua como instrumento de resistência contra as estruturas sociais que historicamente marginalizaram essas identidades.

Além disso, a existência e performance de Linn da Quebrada na cultura brasileira também demonstra como a visibilidade trans continua marcada por conflitos sociais. Apesar da artista possuir destaque em diversos meios culturais, sua trajetória mostra que a visibilidade muitas vezes vem acompanhada de processos de estigmatização e exotização do corpo trans.

Figura 2: Linn da Quebrada (cantora e atriz)



Fonte: Billboard Brasil. Reprodução/Instagram

Para Miskolci (2009) a visibilidade de identidades dissidentes geralmente se dá em contextos sociais de normalização que tentam encaixar essas identidades em narrativas que são aceitáveis para o público predominante. Neste cenário, a visibilidade pode se tornar um mecanismo ambivalente, gerando reconhecimento social ao mesmo tempo em que reforça formas discretas de controle cultural.

No âmbito do design de moda brasileiro, essas afirmações também se refletem na atuação de designers que integram discussões sobre diversidade de gênero em seus processos criativos. O trabalho da estilista Isa Silva é um exemplo significativo do movimento trans, já que suas coleções costumam incluir histórias ligadas à diversidade racial e de gênero.

Figura 3: Isa silva (estilista)

Fonte: Marie Claire. Fotografia por: Carine Wallauer

As criações de Isa Silva demonstram uma estética que busca valorizar corpos que foram historicamente marginalizados pela indústria da moda, oferecendo visuais que desafiam os padrões convencionais de beleza e representação. Incorporar modelos trans e corpos dissidentes em desfiles e campanhas, a estilista ajuda a expandir os padrões de visibilidade no sistema da moda brasileira.

No entanto, a ampliação das representações não elimina as estruturas de exclusão que ainda permeiam o setor da moda. Conforme Melo e Figueiredo (2025) a presença de corpos trans na indústria da moda continua restrita e, muitas vezes, sujeita a padrões estéticos específicos.

Nesse sentido, a moda é compreendida como uma forma de tecnologia de sobrevivência para corpos trans, de acordo Preciado (2018) os corpos contemporâneos são influenciados por mecanismos biopolíticos que controlam identidades e a forma como viver. Sendo assim, práticas estéticas como se vestir podem atuar como tática para reinventar o corpo e criar novas formas de subjetividade.

Para muitas pessoas trans, a moda transcende um meio de expressão estética, é também uma ferramenta essencial para obter reconhecimento social e garantir segurança no dia a dia. A seleção de certas roupas pode afetar diretamente a maneira como o corpo é percebido socialmente, destacando a dimensão política da aparência.

Desta forma, os regimes de visibilidade do gênero na moda brasileira atual não podem ser interpretados de maneira isolada, uma vez que estão intimamente ligados a processos históricos de racialização e exclusão social. Sendo assim, o estudo das trajetórias de artistas, estilistas e criadores que desafiam essas convenções demonstram como a moda pode atuar ao mesmo tempo como um mecanismo de controle social e como um espaço de resistência cultural.

A presença cada vez maior de corpos trans na cultura visual do Brasil evidencia que os padrões de visibilidade estão em constante mudança. Contudo, essas mudanças não implicam necessariamente na superação das estruturas de exclusão, ao contrário, elas revelam que existem disputas constantes para redefinir as normas que organizam a percepção social do corpo. Desta forma, a moda enquanto ferramenta política, torna-se capaz de desenvolver estratégias para possibilitar dignidade e reconhecimento em uma sociedade que ainda é pautada em grandes desigualdades de gênero, sexualidade, classe e raça.

5 Conclusão

A análise realizada ao longo deste estudo demonstrou que a moda é um campo cultural fortemente permeado por relações de poder que afetam a maneira como os corpos são reconhecidos socialmente. O design de moda não se limita à criação estética das roupas, mas também contribui para a formação de regimes de visibilidade que estruturam a compreensão do gênero no espaço social.

Formas de poder funcionam por meio de vigilância contínua dos corpos e da análise de sua conformidade com as normas culturais predominantes, gerando disciplina que direcionam comportamentos, gestos e maneiras de se apresentar em sociedade, ou seja, a aparência do corpo está inserida em sistemas amplos de legitimidade e controle social.

Nesse sentido, o gênero se expressa por meio de práticas reiteradas que também englobam a dimensão estética do vestuário. O vestuário desempenha um papel na criação de símbolos e signos visuais que tornam o gênero reconhecível socialmente, ajudando a consolidar as expectativas culturais ligadas à aparência masculina ou feminina.

Ao passo que essas expectativas são questionadas, os corpos podem se tornar objetos nos processos de controle social. Enquanto as identidades dissidentes geralmente lidam com regimes de reconhecimento precário, em que a visibilidade se apresenta tanto como uma

oportunidade para afirmar identidade quanto como um meio para intensificar os mecanismos de vigilância e punição social.

Em análise de casos de pessoas trans na cultura brasileira atual, como as carreiras de Liniker e Linn da Quebrada, demonstram como a estética pode ser utilizada como instrumento de contestação das regras de gênero. Ao incorporar a moda em suas performances artísticas, essas personalidades criam formas de visibilidade que desafiam as barreiras que costumam definir a leitura social do corpo.

Além disso, ações como as da estilista Isa Silva mostram que a indústria da moda também pode funcionar como um espaço para expandir as representações corporais, incorporar corpos trans em seus desfiles e narrativas visuais, essas práticas ajudaram a alterar os regimes de visibilidade que, ao longo da história, favoreceram certos padrões estéticos.

No entanto, a inclusão de corpos trans na moda ainda acontece em contextos marcados por desigualdades sociais, muitas pessoas trans enfrentam problemas reais relacionados ao vestuário, desde a dificuldade de adaptação das peças até experiências de desconforto físico e simbólico. A indústria da moda ainda permanece estruturada por sua maioria nos parâmetros da cisnormatividade, evidenciando a importância de expandir as conversas sobre diversidade de gênero na área.

Portanto, é essencial entender a moda como um campo político para examinar as disputas simbólicas que permitem a formação da aparência na sociedade atual. Dessa forma, o vestuário tem a capacidade de refletir padrões sociais de gênero, e também pode ser utilizado como um instrumento de resistência estética e criação de novas formas de subjetividade.

Agradecimento

A presente pesquisa foi desenvolvida com o apoio do Programa de Bolsas de Estudos Univesp para Mestrandos/Doutorandos em parceria com a Unesp. Esse suporte contribui diretamente para o desenvolvimento científico no campo do Design, permitindo dedicação, produção intelectual e continuidade das atividades de pesquisa.

Referências

- BENTO, Berenice. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. **Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 3, n. 4. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2298>. Acesso em: 13 mar. 2026.
- BENTO, Berenice. O belo, o feio e o abjeto nos corpos femininos. **Sociedade e Estado**, v. 36, n. 1. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/28303>. Acesso em: 13 mar. 2026.
- BILLBOARD BRASIL. **Liniker e Tássia Reis cantam em roda de samba no Rio de Janeiro; assista**. São Paulo: Billboard Brasil, 18 ago. 2025. Disponível em: <https://billboard.com.br/liniker-tassia-reis-atracoes-resenha-da-nala-sp/>. Acesso em: 15 mar. 2026.
- BILLBOARD BRASIL. **Linn da Quebrada dissecar “sintomas” sobre usos de substâncias**. São Paulo: Billboard Brasil, 22 maio 2025. Disponível em: <https://billboard.com.br/linn-da-quebrada-disseca-sintomas-sobre-usos-de-substancias/>. Acesso em: 15 mar. 2026.
- BONADIO, Maria Claudia. As modelos negras na publicidade de moda no Brasil dos anos 1960. **Revista Visualidades**. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18190>. Acesso em: 14 mar. 2026.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASTILHO, Kathia. **Moda e linguagem**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.
- CASTILHO, Kathia; MOURA, Monica. Moda e design: linguagens contemporâneas na construção teórica e crítica. **Revista Contemporânea** (UERJ), 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/7658>. Acesso em: 14 mar. 2026.
- CORTÊZ, Natacha. Isaac Silva: “Tive que negar minha mulheridade para sobreviver”. **Revista Marie Claire**, São Paulo, 20 set. 2022. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Moda/noticia/2022/09/isaac-silva-tive-que-negar-minha-mulheridade-para-sobreviver.html>. Acesso em: 15 mar. 2026.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GOMES, Onnara Custódio; MENEZES, Marizilda dos Santos. Os desafios das mulheres trans e travestis relacionados ao conforto/desconforto no vestuário. **Revista NAVA**, v. 10, n. 2, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/47135>. Acesso em: 13 mar. 2026.

MELO, Fabiana Maffezzolli de; FIGUEIREDO, Luiz Fernando Gonçalves de. O crescimento das marcas de moda para corpos trans e seus produtos inclusivos. **Modapalavra e-periódico**, Florianópolis, v. 18, n. 45, p. 01–29, 2025. DOI: 10.5965/1982615x18452025e0008. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/25305>. Acesso em: 15 mar. 2026.

MISKOLCI, Richard. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, n.21. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/8863>. Acesso em: 13 mar. 2026.

MISKOLCI, Richard; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Entre a visibilidade e a escuta: o acesso da população LGBTI+ à atenção básica de saúde. **Sociedade e Estado**, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/37400>. Acesso em: 13 mar. 2026.

PRECIADO, Paul B. Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

Sobre o(a/s) autor(a/es)

José Augusto Alves Frazão, Mestrando, Universidade Estadual Paulista “*Júlio de Mesquita Filho*” – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Câmpus de Bauru – SP, Brasil
<alves.frazao@unesp.br>

Maria Alice Nascimento Santos, Doutoranda, Universidade Estadual Paulista “*Júlio de Mesquita Filho*” – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Câmpus de Bauru – SP, Brasil
<maria.n.santos@unesp.br >

Marizilda dos Santos Menezes, Doutora, Universidade Estadual Paulista “*Júlio de Mesquita Filho*” – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Câmpus de Bauru – SP, Brasil
<marizilda.menezes@unesp.br >